

# Até (a cegueira da razão) – O desenho em palavras

## Desenho tinta acrílica, marcador colorido e nanquim sobre papel

**Autora:** Gabriela de Assis

**ORCID:** [0000-0003-0361-668X](https://orcid.org/0000-0003-0361-668X)

**DOI:** 10.18264/repdcec.v1i1.77

### Concepção:

As deusas da Modernidade se encaram sobre e, ao mesmo tempo, ao redor do fosso cartesiano: eis a Nêmesis Moderna. O nascimento do Século das Luzes inaugura um estado de pensamento no Ocidente voltado ao passado, à Antiguidade Clássica grega: onde a Razão surgia como fundamento impositivo da experiência humana (Occidental) na Terra. Marca, portanto, o zênite de um movimento histórico-filosófico que consagra a Ciência (filha partenogênica dos fundamentos universalizantes da Modernidade), acendendo-a ao trono do Olimpo Moderno.

Na titanomaquia Moderna, o Ocidente repete a mesma fórmula de seus antepassados: para assegurar a primazia da Ciência diante das demais experiências de ser-pensar-estar no mundo, é necessário castrar aquelas que sustentam a ordem vigente. Incluindo, neste íterim, a própria entidade que alça à glória: tal qual suas primas da Antiguidade Clássica – as Musas --, foi-lhe tirada a consciência de sua ancestralidade abissal; de forma a acreditar que deveria combatê-la. O pensamento colonial racista, irmão-gêmeo do Pai-Modernidade, levou-nos a pensar a Razão como entidade embranquecida, europeia, ariana – civilizada (nos termos gregos e, surpreendentemente, Modernos). Inventando a raça/cor como critério de civilidade, esforçaram-se para esconder a pele melaninada da rebenta núbil que da Razão nasceria. A Ciência é mestiça. Negra, sob o critério racial brasileiro. Não há como negar.

Assim, a Ciência carrega os signos representativos desta condição instaurada na Modernidade para Ela: os cabelos que circundam sua Cabeça aludem ao Fogo Prometeico – a origem da autonomização da Razão diante dos amores e dissabores divinos. Sob o braço direito, segura o cosmo aprisionado racionalista: o universo está sob sua égide, apriorístico a qualquer leitor. Ao fazer isso, cria realidades partindo de seus critérios do que pode e deve ser real: apoiando-se sobre a própria concepção de mundo (e de realidade) sobre a qual, ao mesmo tempo, reina e se sustenta. Rodeando seu braço de trabalho -- aquele que comanda a mão (direita) que orienta o Ocidente --, está o Ouroboros grego (outrora egípcio): a serpente que morde o próprio rabo, como a demarcar a posição de eternidade sobre a Criação que a Modernidade lhe conferiu. Na mão esquerda, a Ciência carrega o compasso: a esquemática da construção empírica do conhecimento. Uma referência tanto ao empirismo, escola científica Moderna, quanto à constelação do Compasso: uma das 14 introduzidas pelo astrônomo Nicolas-Louis La Caille no mapa celeste do Ocidente – criadas para facilitar as viagens dos invasores europeus pelas terras do hemisfério Sul. Simboliza o progresso do conhecimento humano, via perspectiva Moderna, usado para demarcar novas fronteiras no sistema-mundo a partir do controle da Natureza – entendida como plenamente mensurável, controlável, conquistável. A imagem enuncia certa violência estrutural, despercebida diante da beleza juvenil: representar um(a) ser-negro, ainda

não totalmente consciente de sua negritude, empunhando um símbolo de sua subalternização. No entanto, o fato de ser exatamente este ser a ter posse do instrumento --outrora criado e usado por um povo negro (os Egípcios)! -- também denota o potencial de reformular estas fronteiras, refazer os trâmites oficiais do sistema-mundo

À Arte, o Pai-Modernidade delegou o território do sensível; permanecendo deusa mistério dos afetos – cada vez mais absolutamente inefável; ao ponto de sua divindade ter sido, paulatinamente, questionada. De certa maneira, o patriarcado atmosférico tenta, todos os dias, ainda hoje e para o tempo em que existir, destituí-la de sua divindade – sua manifestação enquanto princípio criador e motivacional da existência. Mas não conseguiu tirar-lhe a natureza estranha, hipnótica, desviante, Numinosa. Herdeira da Máscara, empunha-a em direção à irmã-amante, como quem a convida a pleitear também o inesperado. Traz os cabelos verdes em referências às górgonas, à Medusa – epíteto da Deusa núbil que um dia o poeta grego Hesíodo incorporou à Memória (Mynemósyne): Medéousa – aquela que cuida, toma conta, reina sobre a Cultura. Transformada em monstro pelo patriarcado atmosférico, em bicho petrificante, formal, com suas “escolas” de vislumbre e formativas de expressão; ainda assim perpetua-se nas sociedades como Aquela que instaura a Cultura. Fazendo da subversão a esta mesma cultura sobre a qual reina, a sua natureza: no braço esquerdo traz o chicote das Eríneas – as deusas vingadoras dos crimes de sangue, dos miasmas das sociedades, famílias e grupos. Reina sobre a Palavra – pois é anterior mesmo a ela. É política – do eu para o Todo – e somente assim, pela política, se manifesta. Senhora das percepções profundas, seu olhar é radicado no cerne das paixões: sobre o estômago. É visceral, mas doce. Sutil e potente. Mora e vive nas fronteiras. É herdeira indubitável de Apolo – a Técnica – e Dioniso – as Pulsões. Mora entre o Sonho e a embriaguez.

No entanto, apesar do óbvio apartamento epistêmico, o Sagrado sempre se manifesta como é integralmente: olhando com atenção, ambas as deusas se complementam – de tal forma que se pode inferir que, em algum momento do passado, formaram o mesmo corpo primordial. A tudo importa de onde dirigimos o olhar. Nada é, de fato, tão absoluto quanto o Esclarecimento nos informou há tempos: a desmedida – esse trilho colorido pelas cores do Grande Baco, ébrio e determinista, desloca-se tão logo mudamos o referencial; mas sempre em direção a um encontro final. À Arte, sempre em movimento de exterioridade, a demesuré báquica parece ser o critério Moderno que a separou de sua irmã-amante ancestral. Para a Ciência, referenciada apenas e exclusivamente em si mesma, este trilho é o teto – o limite para si: tudo pode, contanto que sob o Método – sua imposição é a Ordem do Todo. Ou, assim, evocam, até hoje, os herdeiros dos Homens da Luz. Mas, sustentando uma impossibilidade inebriante, há a erótica das cores...! Ambas as deusas sorriem, flertam entre si, como a anteciparem um ser-estar no mundo que ainda não conhecemos. Talvez antevejam a construção de uma nova epistemologia; em que possam, enfim, partilharem-se em entrega mútua novamente...

(Será?)

Ah, esta dúvida! Sempre ela, desde o início. Eis o segredo mais bem guardado do Ocidente, a premonição de um encontro nascido nas entranhas purificadoras do Trágico: contra as violências ao Sagrado, existe um tanto de cegueira da Razão.

Esperemos até lá.

